

NARRATIVAS E GENEALOGIA DE UMA DEVOÇÃO: (RE)CONSTRUÇÕES NARRATIVAS DA NATIVIDADE NAS REPRESENTAÇÕES DE TRÊS MESTRES-FOLIÕES DE LONDRINA (PR)

*André Camargo Lopes**

Resumo: Forma de expressão do catolicismo tradicional brasileiro, a Folia de Reis tem na tradição oral o movimento da transmissão de sua prática ritualística e simbólica. Todavia, devido ao seu próprio mecanismo de transmissão cultural, a construção do sentido da festa e de seus símbolos se dá como um fenômeno de colagens, dinamizando e atualizando os seus significados dentro do grupo social. Demarcando a individualização criativa que tem no grupo o reconhecimento. Esta compreensão a respeito do evento cultural, pretende-se neste texto abordar a narrativa da Natividade nas simbologias de três embaixadores de Companhias de Reis de Londrina (PR), a partir do conceito de apropriação de Roger Chartier, enfatizando a relação entre estes agentes e o universo da leitura do texto escrito.

Palavras-chave: Folia de Reis. Bastião. Embaixadores. Narrativa.

Narratives and genealogy of devotion: narratives (re)constructions of the Nativity in the representations of three masters revelers of Londrina (PR)

Abstract: Expression mold of the Brazilian traditional Catholicism, the Folia de Reis have in oral tradition the movement of transmission its ritualistic practice and symbolic. But, just its own mechanism of cultural transmission, the sense building of the festivity and its symbols do what a phenomenon of collages, dynamicing and actualitying its signification in social group. Demarcating the creative individualization in have group the recognition. This comprehension this respect cultural event, aspire this text to approach the Nativity's narrative in symbologies of three ambassadors of Companhias de Reis of Londrina (PR), started of the Roger Chartie's concept of appropriation, accentuationing the relation between this agents and the lecture's universe written text.

Keywords: Folia de Reis. Bastião. Ambassadors. Narrative.

O presente texto é resultante de um estudo das narrativas presentes nas falas de três embaixadores de Reis, de Companhias atuantes no município de Londrina, no norte do estado do Paraná. Neste estudo procurou-se examinar as leituras, interpretações e os *enxertos* interpretativos inseridos a partir da tradição oral no texto bíblico de São Mateus – capítulo 2 versículo

* Doutorando em História e Sociedade pela UNESP – ASSIS. É professor da Rede Estadual de Ensino Básico do Estado do Paraná. E-mail: heitor16@bol.com.br.

1-23. As narrativas foram obtidas a partir de um conjunto de entrevistas realizadas entre os anos de 2006 e 2007 com embaixadores Antonio Francisco, Joaquim André e Francisco Garbosi.

Na perspectiva de situar as discussões acerca da tradição de Folia de Reis em nível dos estudos da História Cultural, abordou-se o fenômeno presente nas narrativas¹ como uma forma de expressão cultural-religiosa em que seus agentes congregam em si perspectivas subjetivas de interpretação e prática ritualística acerca de seu próprio universo religioso.

É a partir deste recorte cultural que se procurou por em evidência as narrativas que fundamentam o imaginário ritual da tradição de Folia de Reis. Situando a produção dos sentidos nos agentes produtores deste imaginário, foi possível visualizar os trânsitos entre a cultura eclesial transmitida através da leitura do texto bíblico e as muitas interpretações dos símbolos narrativos presentes nestes textos. Toma-se nesta análise o processo de conversão prática e ritualística da leitura do texto *sagrado*, pautada em interpretações atravessadas por um universo cultural historicamente construído, que agrega em si, elementos que dizem respeito à formação cultural e religiosa dos agentes praticantes e seu universo material.

A respeito desta perspectiva, Chartier (2002) afirma que a leitura é uma prática criadora, uma atividade produtora de sentidos singulares, de significações. Para o autor esta não se resume em uma prática passiva no qual o leitor é algo vazio. Por corresponder a práticas, deve-se entender a leitura como um exercício, no qual o texto em si é tomado de forma significativa, o que corresponde às intenções de usos sobre estes.

Sendo assim, é a ação criadora destes embaixadores de Reis que é colocada em debate neste texto. Suas estratégias de leitura, familiarização e (re) construção dos códigos presentes no texto da Natividade de São Mateus. A pergunta que impulsiona este estudo tende a questionar o modo que estes textos bíblicos são lidos e interpretados por estes agentes, apontando não para um público de leitores passivos, mas sim, agentes sociais que no campo religioso reforçam sua expressão de fé e de sociabilidade através de um entrecruzamento destes dois universos (escrito – institucional e tradicional e oral), e acabam por estruturar as bases de um universo moral.

EMBAIXADORES: SACERDOTES DE VIOLA

Forma de expressão de um catolicismo tradicional popular brasileiro, a Folia de Reis tem na tradição oral o movimento da transmissão de sua prática ritualística e simbólica. Todavia devido ao seu próprio mecanismo de transmissão cultural, a tradição se estende a grupos minoritários de contemporâneos que procuram compartilhar suas lembranças e de quem podem aprender sobre eventos passados não vividos pessoalmente.

A construção do sentido da festa e de seus símbolos se dá como um fenômeno de colagens, em que elementos que perdem no tempo a sua autoria, têm seus fragmentos colados as interpretações dos agentes rituais que a vivenciam, dinamizando e atualizando os seus significados dentro do grupo social, demarcando a individualização criativa que tem no grupo o reconhecimento coletivo e a aceitação. Neste sentido, a Folia de Reis como uma manifestação deste imaginário católico tradicional, corresponde a uma destas múltiplas interpretações dos escritos bíblicos, divulgados nas missas dominicais, e lidos a partir do referencial social e cultural de seus praticantes. Assim como as demais manifestações da religiosidade popular o mestre-ritual (que se configura na imagem do mestre-embaixador) é um substitutivo do sacerdote oficial, está no meio social dos demais agentes, e é por estes legitimado como conhecedor dos segredos da fé.²

Logo todo o imaginário³ de fé que estrutura a tradição de Reis tende a se reproduzir dentro do grupo, porém, nota-se na dinâmica destes certa

¹ E consequentemente na prática, visto que essas entrevistas são partes de meus estudos de mestrado, e foram confrontadas dentro de uma tradição cultural-religiosa católica, e correspondem a um primeiro momento de minhas investigações, sendo a segunda etapa executada a partir da observação participante, debate que não irei me situar visto o objetivo presente neste texto. Parte deste debate foi apresentado em 2012 na XXIX Semana de História, na Unesp-Assis (SP).

² Por razões epistemológicas, os termos religiosidade popular e catolicismo tradicional popular brasileiro, não podem ser considerados nessa abordagem como sinônimos, tendo em vista que o primeiro revela um campo mais amplo das práticas e vivências religiosas no cotidiano do imaginário religioso popular brasileiro. Reflete comportamentos de trânsito religiosos entre diversas matrizes religiosas que povoam este universo cultural, o que possibilita à luz da Antropologia, uma compreensão do atual quadro religioso brasileiro levantado a partir do Censo 2000, posto em relevo a matriz histórica e religiosa brasileira. O termo “catolicismo tradicional popular brasileiro” utilizado nessas reflexões promove uma projeção historiográfica ao mesmo tempo em que antropológica acerca de um modelo de vivência religiosa enraizada em um universo simbólico estruturalmente medievalizada e pré-tridentino. Estruturaram-se as discussões acerca deste tema a partir de pressupostos teóricos que fixam no catolicismo uma tipologia a partir da vivência religiosa de seus agentes. Numa perspectiva mais ampla acerca desta relação entre o catolicismo e a formação da sociedade brasileira, a historiadora Célia Maia Borges, vê no termo “tradicional”, a expressão mais eficaz para definir o modelo de catolicismo que se instalou no Brasil, contrapondo em suas práticas e estrutura ao Catolicismo Tridentino. Segundo a autora, este catolicismo tem por principal característica no modo de organização, assim definido pela mesma, como sendo um sistema de organização de leigos, simbolicamente estruturado em um imaginário atravessado por um universo religioso medieval e definido estruturalmente pela organização social brasileira pautada nas formações das grandes famílias patriarcais de senhores rurais. Para tal, cabe ressaltar que a autora credita a organização social brasileira, a possibilidade desta vivência do catolicismo, não desconsiderando quão problemática é esta qualificação quando se tem em mente a participação dos religiosos no processo de colonização brasileira. É nesta perspectiva histórica que se tem no catolicismo praticado no Brasil como luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar. Isso, porque este é uma herança de um catolicismo impregnado de práticas mágicas, tendo a população um papel central na transplantação deste catolicismo. Enquanto que na Europa da Idade Moderna ocorria o processo de urbanização, o Brasil mantinha-se por um longo período, predominantemente rural, com um catolicismo leigo apoiado na família patriarcal.

³ O imaginário social corresponde dentro destes grupos a um conjunto de imagens verbais e visuais, geradas internamente ao grupo social através de uma relação consigo mesmo ou externamente pelo contato com grupos próximos conjuntamente. De acordo com Baczko, todo imaginário é coletivo, não podendo ser confundido com imaginação - uma atividade psíquica individual -, e transcendendo estes limites, engloba um denominador comum das imaginações, as supera, interferindo nos mecanismos da realidade palpável que alimenta a própria imaginação - política, econômica, social, cultural.

centralidade criadora focada nas narrativas de seus embaixadores. São eles os responsáveis pela estruturação do imaginário religioso que reveste o grupo, fato este evidenciado por uma lógica organizacional transmitida dentro da própria tradição: a) em uma Companhia de Reis o embaixador é a figura mais importante, pois este é o responsável direto pelo grupo de foliões. O embaixador é o responsável pela organização da Companhia, porém, algumas funções são divididas para possibilitar um melhor controle da jornada; b) os embaixadores não são transitórios pela bandeira de Reis, são estes os responsáveis por seu giro. Enquanto um folião pode transitar de uma Companhia para outra, seja por desavença com um outro embaixador, ou por pagamento de promessa; c) o embaixador está preso à sua bandeira, a Companhia é para este um grupo ritual permanente.

Para uma melhor compreensão desta lógica organizacional procurou-se entender os elementos sociais que atuam na estruturação desta prática religiosa. Acerca deste tema, partiu-se do referencial levantado por Brandão (1981, p. 141) em seus estudos sobre a constituição da religiosidade popular, afirmando que dentro dos diversos núcleos sociais por onde transitam estes agentes sociais, as práticas religiosas são um catalisador da identidade social. Ou seja, é a partir de uma relação direta do agente com o sagrado, seja esta relação mediada ou não pela presença de algum santo de devoção que os agentes sociais, em seu momento de fé, solidificam suas crenças, compartilhando-as, podendo vivenciá-las de forma ativa: orando, dialogando, assistindo as programações de rádio e televisão voltadas a sua profissão de fé. Esta ativação do sujeito religioso promove a construção de uma identidade que transcende os limites dos espaços individualizantes, coletivizando-os em rituais festivos que celebram entre os participantes o contrato de fé.

O conhecimento religioso deste mestre ritual (neste caso, os embaixadores de Folias de Reis) do catolicismo tradicional popular é moldado dentro de um sistema cultural (no caso dos mestres abordados é o meio rural o seu núcleo formador), refletindo uma visão de mundo muito própria destes agentes acerca do imaginário religioso, estabelecendo os seus códigos familiares e sociais que incorporam elementos fragmentados da História Sagrada, da doutrina e das regras das práticas devocionais da Igreja Católica. O sentido no qual este agente apresenta a tradição da Folia de Reis, se confunde com o universo da educação familiar, via de acesso e formação à tradição, que constitui não só um aspecto do universo da vida religiosa deste agente, mas sim, um espaço de abrangência e sociabilidade.

Na constituição do catolicismo tradicional popular brasileiro, este condicionante existencial em suas dimensões de sociabilidade acaba por ser um elemento determinante nas práticas religiosas de uma legião de fiéis, caracterizando um catolicismo doméstico e devocional, ministrado pelos pró-

prios praticantes. A religiosidade popular e todas as formas decorrentes desta relação com o sagrado está associada aos problemas do cotidiano dos agentes sociais, gerenciando muitas vezes todos os atos de suas vidas. Neste sentido, o cotidiano se apresenta como dominado por influências do “sobrenatural” que se refletem não só nos hábitos da vida religiosa como nos atos da vida material.

Sendo assim, as práticas religiosas desenvolvidas por estes agentes tendem a estabelecer em relação à interpretação de um universo religioso estruturado pelos textos bíblicos, uma ação criadora, no qual estes como legítimos representantes de um grupo de fé atuam como produtores de uma cultura religiosa de natureza interpenetrativa (MENDES, 2007).

A ESTRUTURAÇÃO DE UMA COMPANHIA DE REIS: MÚSICOS, VERSOS E PALHAÇOS

O grupo de foliões é um conjunto ritual de cantores e tocadores de instrumentos, que celebram com o rito o natalício Cristão cuja estrutura simbólica se orienta entre os universos institucional da Igreja Católica e o imaginário popular, mediados por um imaginário literário repleto de personagens e signos que narram e são narrados pelo evangelho de São Mateus. As cantorias dos Santos Reis são formas de oração coletiva e uma forma simbólica de comando de atuação ritual. A tradição que estrutura as cantorias se fortalece em um imaginário coletivo acerca das profecias bíblicas que envolvem o nascimento de Cristo, revelando genealogias e interpretações um tanto quanto pessoais dos embaixadores destas Companhias.

Compositivamente as Folias ou Companhias de Reis se caracterizam por terem em seu grupo além dos cantores e instrumentistas, o “palhaço” também conhecido como Bastião, ou *morungo*. Os integrantes de uma Companhia de Reis são conhecidos por foliões ou “foliões de Santos Reis”. De acordo com Brandão (1977), a organização das Companhias de Reis pode ser explicada de duas maneiras:

a) através das posições dos integrantes segundo o exercício de controle interno do ritual;

b) através das posições dos integrantes segundo a atuação no ritual.

A primeira demonstra a relação dos participantes com a Folia de Reis, definindo seus papéis em relação à execução da celebração da jornada, possibilitando uma visualização do rito em sua totalidade, tanto dentro das Companhias, como os foliões externos a estas que participam da jornada nos pontos de giro da bandeira que definirão o itinerário a ser seguido. Enquanto que a segunda abordagem se mantém centrada no desenvolvimento do ritual da cantoria, definindo através da disposição dos foliões no rito, o seu papel de relevância diante de sua execução.

“Natividades” – a constituição simbólica das cantorias das Folias de Reis

Imagem 1 - Bastiões fazem a corte à bandeira. Chegada de bandeira da Companhia Santa Luzia, 2008.



Fotógrafo: André Camargo Lopes. Fonte: acervo André Camargo Lopes.

A Folia de Reis é uma das festas que celebram o período do Natal dentro da tradição católica popular tradicional brasileira, elemento cultural decorrente da influência do catolicismo português, a tradição, como afirmam os folcloristas, tem a sua penetração no universo cultural brasileiro a partir do período inicial da colonização portuguesa. Se junta a esta, outras festividades de cunho popular que revelam a afirmação de uma identidade festiva dentro das práticas católicas na sociedade brasileira, dividindo sua incidência de acordo com as localidades de origem.

De acordo com Carlos Rodrigues Brandão (1985), em Portugal a *Folia* foi uma dança profana e popular, popularizada, sobretudo durante os séculos XVI e XVII, no qual homens vestidos “a portuguesa”, dançam com guizos nos dedos, gaitas e pandeiros, girando e pulando ao redor de um tambor. Esta dança chega ao Brasil, já incorporada aos repertórios de dança de salão, e mais tarde, assume um caráter mais grave ao ser incorporada, juntamente com cantos e danças camponesas, aos ritos da Igreja.

No Brasil, a decorrência destas festividades está ligada à representação de pequenos *autos*, dramas de fundo devocional popular que, transformam-se em uma afirmação da identidade cultural de grupos sociais, ao representarem nestes *autos*, a sua relação com o universo religioso associa-

dos ao calendário litúrgico, estas festividades do ciclo do Natal, ao longo da Idade Média formavam rituais solenes e demorados, o que de acordo com Brandão era:

Um teatro cristão ao mesmo tempo litúrgico e catequético nasceu no interior dos templos e, no século XI, possuía já um lugar e uma estrutura claramente definidos dentro de cerimônias propriamente litúrgicas. Solenes officios das grandes missas natalinas misturavam anjos, pequenos pastores e personagens da Sagrada Família em piedosas e alegres encenações dos acontecimentos da noite de Natal. Com base no Evangelho de um primeiro drama, o *Officium Pastorum* foi criado e colocado junto ao Intronito da Missa de Natal.

Ele chega ao século XIII acrescentado de mais anjos e dos bichos piedosos da manjedoura. Tempos mais tarde os festejos do nascimento de Jesus se prolongam até à festa de Epifania, 12 dias após a do Natal. Muito embora os acontecimentos posteriores ao próprio nascimento de Cristo fossem litúrgica e eclesiasticamente menos importantes, o fato é que eram mais dramáticos. Pensemos na viagem aventureira dos Três Magos popularmente dramáticos. Pensemos na viagem aventureira dos Três Magos do Oriente, na Matança dos Inocentes, na Fuga da Sagrada Família. (BRANDÃO, 1985, p. 141-142)

Com o acréscimo de novos personagens ao auto, Herodes, os soldados, os três visitantes passam de personagens secundários a elementos principais da celebração. A nova sequência de festejos estende até seis de janeiro as celebrações do ciclo natalino, e acaba por constituir um segundo drama litúrgico, incluindo no interior das cerimônias oficiais, o *Officium Stelae*.

No *Officium Stelae*, embora o Menino Jesus permaneça como a principal figura de referência, este deixa de ser o personagem central do drama, posto este que passa a ser ocupado pelos Três Magos que repartem com Herodes as cenas principais. Acerca destes autos litúrgicos no Brasil, são os jesuítas que em suas reduções irão introduzi-los como ferramentas catequéticas.

Em seus estudos sobre a música popular brasileira, Tinhorão (1972) afirma que eram as festas religiosas, dentre elas, o Natal, momentos que transformavam as igrejas em teatro, para a representação de autos alusivos ao nascimento de Cristo. Autos e dramas litúrgicos, que faziam traduzir aos diferentes grupos étnicos que compunham os espaços das reduções, onde os próprios agentes do espaço encenavam, cantavam e dançavam nos momentos de celebração destas encenações religiosas.

Nesta perspectiva, é na leitura popular do texto bíblico, o foco de análise da composição simbólica dos elementos constitutivos da Folia de Reis. Nos estudos da constituição do universo simbólico da Folia de Reis, é o capítulo dois do Evangelho de São Mateus (cap. 2, vers. 1-12) que se torna o texto de referência para a análise e compreensão dos personagens que constituem a narrativa e a simbologia de suas cantorias rituais:

Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, chegaram a Jerusalém uns magos vindos do Oriente. “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? – perguntaram. Vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo”. Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele. E reunindo todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo, perguntou-lhes onde devia nascer o Messias. Eles responderam: “ Em Belém da Judéia, pois assim foi escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá; não és de modo algum a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti sairá Príncipe que apascentará o meu povo de Israel”.

Então Herodes mandou chamar secretamente os magos e pediu-lhes informações exatas sobre a data em que a estrela lhes havia aparecido. E enviando-os a Belém, disse-lhes: “Ide e informai-vos cuidadosamente acerca do menino, e, depois de encontrardes, vinde comunicar-me, para que eu também vá adorá-lo”. Após as palavras do rei, puseram-se a caminho. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que , chegando ao lugar onde estava o menino, parou. Ao ver a estrela sentiram grande alegria, e entrando na casa viram o menino com Maria, sua mãe. Prostraram-se, adoraram-no e, abrindo os cofres ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho para não voltarem até Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho.

Esta narrativa de doze versículos, na constituição do universo simbólico dos embaixadores de Reis entrevistados (Antonio Francisco, Francisco Garbosi e Joaquim André), ganha novos elementos que ora se matizam com as profecias do Antigo Testamento dos livros de Isaias e Jeremias, ora recebem elementos e personagens acrescidos pela imaginação interpretativa destes agentes, arraigadas dentro de seu universo moral e social. Acerca desta lógica entre o texto e o universo social e cultural, Chartier (1991) aponta que esta relação deve ser estudada e entendida a partir das “(...) redes e práticas que organizam os modos, histórica e socialmente diferenciados, da relação aos textos. A leitura não é somente uma operação abstrata da inteligência: é por em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo e com o outro”. Neste sentido, a relação do texto com os agentes sociais e seus grupos, consiste em uma prática sociológica de produção de sentido, em que o universo cultural possibilita aos agentes, através de construções simbólicas, a interpretação e a delimitação de elementos significativos para a formação de uma identidade cultural coesa com seu universo social.

Observar esta relação entre cultura escrita e a transição desta interpretação direta ou indireta para dentro da oralidade do rito de Folia de Reis, é voltar-se para o universo cultural e social dos próprios agentes envolvidos neste ciclo. Todos os três embaixadores de Folia de Reis entrevistados são católicos praticantes, envolvidos com grupos de estudos bíblicos, decorrentes de famílias de foliões e devotos dos Santos Reis, são mestres-rituais formados dentro da cultura da fé popular. Os embaixadores, assim como seus foliões, procuram estabelecer o sentido moral estruturador do rito a partir de uma lógica pautada em uma linearidade interpretativa dos textos bíblicos e, em suas construções interpretativas deste universo simbólico.

Os embaixadores se fazem respeitar diante do grupo e dos devotos, a partir do conhecimento manifesto em suas narrativas acerca do momento do natalício de Jesus. São narrativas ricas em detalhes e interpretações que acrescem ao Evangelho de São Mateus, elementos morais que estruturam na prática ritualística destes agentes a sua base interpretativa. Esta ênfase interpretativa destes agentes revela em suas falas, o seu universo de devoção, o conhecimento da história de seus santos, seus mistérios, martírios e milagres que os aproximam.

Esta estruturação narrativa está sistematizada no quadro abaixo, no qual se procurou a partir da individualização das falas dos embaixadores, organizar a narrativa em três níveis de observação: referência ao texto bíblico; dramatização narrativa e a origem cultural dos elementos simbólicos atribuídos à história:

QUADRO I – Francisco Garbosi Joaquim André Antonio Francisco Lopes

Referência ao texto bíblico	
Francisco Garbosi	<p>É. Canta. Canta em cima das profecias. A Anunciação, o nascimento de Jesus. A viagem a Adoração dos Magos.</p> <p>Sem “esquecê” que quando fala das “viagem” é claro, nós estamos falando da Estrela, estamos passando por Herodes. Que Herodes, embora seja Herodes, mais “faiz” parte da história.</p> <p>Da história cultural e religiosa. Os Santos Reis. Porque quando eles, quando Deus enviou a Estrela aos Magos, quando chegou perto de Jerusalém. Ela perdeu o seu brilho para que Herodes não a seguisse. Aí eles ficaram confusos e procuraram informação no castelo de Herodes. Herodes procurou saber dos escritos dos principais sacerdotes. Homens queriam... Que conduzia a escritura naquele tempo. E informaram que ele estava em Belém.</p> <p>Que o menino nasceria em Belém.</p> <p>Então ele mandou que fossem a Belém e que quando “voltasse”, passassem por ali. Pra “avisá” ele.</p> <p>E quando eles saíram do Herodes. De novo afastaram do Herodes, a Estrela apareceu novamente e os guiou até Belém. Até onde ficava a manjedoura. Lugar onde estava o Menino.</p> <p>E eles quando viram a Estrela, alegraram-se muito.</p> <p>Então. É em tomo.</p>
Joaquim André	<p>Exatamente. Porque a “compania” sai. “Vamo” “supô”. Quando os Reis sai adorando, eles sai de viagem e vem a notícia, o anúncio dos “Profeta”. Que ia vim um Salvador. Eles num sabia o dia, aí eles num sabe. Tem uma história bem complicada. Porque os “treis” Reis morava num país só. “Vamo” “supô”, um morava aqui, em “Sertanopis”. Num tinha conhecimento um “co” outro. Outro morava lá, “vamo” “supô”. Lá em Arapongas. “Tava” lá, lá pro Patrimônio Irerê, sei lá Paiquerê. Distante um do outro. Sem “tê” conhecimento um com o outro. É quando um vê o anúncio do Profeta, vê que é o menino salvador. O Menino Jesus. E daí quando deu a noite de Natal. Meia noite de Natal, para amanhecer o dia vinte e cinco, a estrela apareceu. A Estrela do Oriente. Aí tudo os “treis” enxergaram, sem nem saber que dia ia sai para seguir aquela estrela. Não. Que num enxergou a estrela ficou lá. Ah. É o sinal, “ta” vindo o Menino Jesus. Ele sabia que no escuro eles sairiam. Na plena “encruziada” ele encontrou o outro. Aí ele perguntou: – O senhor majestade o que o senhor vai levar? O senhor “ta” viajando pra onde? Respondeu - “Óia”, eu “tô” seguindo, seguindo o que o Profeta “anuncio”. Quem sabe esta estrela é o sinal do Salvador. – Opa, então “vamo” seguir “nóis” dois “junto”. “Tamo” num pensamento só. Seguiram. Na terceira “encruziada”, encontrou o outro. O primeiro rei “Mechió” [Melchior]. Gaspar e Baltazar. Daí na terceira encontraram o rei Baltazar. Aí “tava” os dois “junto”. Aí fizeram a pergunta. Tinha viajado pela “mema” coisa, ia indo em direção a essa santa estrela que foi anunciada pela Profecia.</p> <p>– Quem sabe essa estrela é o sinal que nasceu o Salvador? Então “vamo” seguir “nóis” “treis” “junto”, “tamo” no pensamento certo. Mas sem cantoria. Aí quando chegaram pra “passá” no Palácio do rei Herodes. Ele era um traidor né?</p> <p>Do Menino Jesus.</p> <p>– E aí poxa? E agora, o que que “nóis” “faiz”? O que que “nóis” “fazia”? “Vamo” nos “informá” no Palácio. Esse “home” sentado pode “informá” pra “nóis”. Aí foram, e lá “ta” o soldado desses.</p> <p>– Dá licença? “Nóis” queria falar com o senhor rei.</p> <p>– A fim de quê “oceis” “qué” falar com o senhor rei?</p> <p>– O senhor pode informar pra “nóis” onde nasceu o Menino Jesus?</p> <p>– Que menino é esse?</p> <p>– É disso que eu “to” perseguindo, que é o Rei de todas as “geração”.</p> <p>– Eu vou “fala” com o senhor rei se ele pode atender “voceis”.</p>

	<p>De “Jesus”. Então que a cantoria surgiu da véspera de ano até o dia seis. A gente canta na véspera de Natal pra “tê” mais dia, mais prazo né? Pelo nascimento, mas a cantoria surgiu depois da visita.</p>
<p>Antonio Francisco Lopes</p>	<p>Então naquela época, foram os Treis Reis os principal que foram levá. Mas além deles foi muito, e eles foram fazendo festa, que eles eram reis pô. Eles foram levando, tanto que o significado de hoje, a gente pede dividindo que a gente não tem a potência que os magos teve né? A gente pede depois inverte que é partilhado né? E eles foi dando, levando um império, o império de uns. Então levaram aqueles símbolos que é os símbolos da verdade né? Que é o ouro. Que muita gente é... Acha que é pecado por que condena muito a riqueza né? Como de fato, que Biblia relata mesmo que é mais fácil um camelo passá por dentro de um buraco da agulha que o rico se salvá. Mas nem todo rico é mesquinho né? E eles mesmo é um desses.</p> <p>Como era da obra... Como era da obra do Espírito Santo, cada um deles era de um continente, tinha a língua diferente, mas pela proteção divina, pela obra, todos eles entenderam o significado e foram. (...) Olha, eu acho assim né? O símbolo mais importante de uma Folia de Reis é os mistérios que eles levaram né? Por que... Você veja bem que eles juntaram três símbolos né? O ouro, o incenso e a mirra. E esse símbolo representa, muito a história da humanidade. Porque a história do reisado, ela já significa... Ela tá no Velho Testamento né? Por que... Que nem a anunciação do Anjo, você sabe que antigamente o dia vinte e cinco de março era um dia de muito respeito. Esse dia representa a mesma coisa do Natal e do Ano Novo pra nós. Antigamente todo mundo jejuava, assistia a missa, seguia os preceito. Essa história já tá lá no Velho Testamento, com a profec... Com Jeremias que falava sobre, sobre isso. Sobre o nascimento do Salvador, que dali mesmo Javé já falava que de uma jovem ia nascer o Salvador da nação. Ai a jovem falou: “- Ai Javé, eu não sei falá”. Essa jovem significa a Mãe de Deus né? Ela [descia] pra nação... O salvador da nação né? Daí o eu não sei falá. Deus disse: “- Não diga eu não sei falá, com você eu estou”. Ai Javé tocou na boca daquela jovem e ela foi anunciá. Ai depois nós vimo lá... Onde que fala sobre, no Livro de São Mateus né? No Novo Testamento, fala do nascimento. E do Oriente surgiu aquela estrela né? E fala isso... E antes teve um anjo que anunciou. Que ia nascer um Salvador... Lá no... Na Judéia. Teve a morte. Muito importante, muito tradicional né? Teve criança. Menino homem de dois ano abaixo, não ficou um vivo. Foi tudo morto pela espada. Foi quando o anjo apareceu e pegou o menino e a Virgem, e fosse para a cidade de Nazaré. Mas que arreça seu jumentinho com as ferradura as avessa. Qué dize assim, que não era para Nazaré que eles ia, era para Belém. Era pra dize assim... Como diz o outro. Eles ia pra Belém, mas quando o Herodes chegava eles ia pra Nazaré. Mas eles ia indo pra Belém. Por isso que existe os marungo, os marungo era perseguidor do Salvador. Por isso que tem segredo. Ai os marungo vinha pra matar o Menino Deus, quando encontrou com eles na cidade de Damasco né? Que eles ia pra Belém. Eles se converteram. Ai como o rei estava invertido, ele tava indo pra Nazaré, mas eles estava indo pra Belém. Ai eles voltou, ai eles foram pra Nazaré, daí quando encontrou o Salvador voltando de lá né? Quando... Até pra lá... Ai aconteceu o maior milagre, eles ficaram convertido. Eles brincava.</p> <p>Um segredo. Nos Monte Sinai, tem o segredo da romã e do monte de rosa. Da treis arvinha entendeu? E a mãe de Deus é protetora dele duas veze, branca e preta. A mãe de Deus preta que escondeu o Menino Deus de Herodes. Por isso que bandeira de Reis não se pode voltá. E as romã, caíram... Esparramou. Por isso que a romã tem muito segredo... É remédio [palavra inaudível]. Se o cara soubesse o que é uma romã. Reza uma prece no dia seis, pras bandeira. Pede aquelas graça, aquela benção por Menino Deus, que a romã que cobriu a Nossa Senhora morena. A transformou em duas. Ai, é onde que... Por isso que a tem um significado da cor.</p>

Dramatização Narrativa	
Francisco Garbosi	
Joaquim André	<p>Construção dramática da saga dos reis durante do período de visitação ao Menino Deus. Neste mesmo trecho sistematiza as características da jornada de sua bandeira, assim como, a origem do Bastião: (...)O Menino Jesus. E daí quando deu a noite de Natal. Meia noite de Natal, para amanhecer o dia vinte e cinco, a estrela apareceu. A Estrela do Oriente. Ai tudo os “treis” enxergaram, sem nem saber que dia ia sai para seguir aquela estrela. Não. Que num enxergou a estrela ficou lá. Ah. É o sinal, “ta” vindo o Menino Jesus. Ele sabia que no escuro eles sairiam. Na plena “encruziada” ele encontrou o outro. Ai ele perguntou: – O senhor majestade o que o senhor vai levar?O senhor “ta” viajando pra onde? Respondeu - “Óia”, eu “tô” seguindo, seguindo o que o Profeta “anuncio”. Quem sabe esta estrela é o sinal do Salvador.</p> <p>– Opa, então “vamo” seguir “nóis” dois “junto”. “Tamo” num pensamento só. Seguiram. Na terceira “encruziada”, encontrou o outro. O primeiro rei “Mechió” [Melchior]. Gaspar e Baltazar. Daí na terceira encontraram o rei Baltazar. Ai “tava” os dois “junto”. Ai fizeram a pergunta. Tinha viajado pela “mema” coisa, ia indo em direção a essa santa estrela que foi anunciada pela Profecia.</p> <p>– Quem sabe essa estrela é o sinal que nasceu o Salvador? Então “vamo” seguir “nóis” “treis” “junto”, “tamo” no pensamento certo. Mas sem cantoria. Ai quando chegaram pra “passá” no Palácio do rei Herodes. Ele era um traidor né?</p> <p>Do Menino Jesus.</p> <p>– E ai poxa? E agora, o que que “nóis” “faiz”? O que que “nóis” “fazia”? “Vamo” nos “informá” no Palácio. Esse “home” sentado pode “informá” pra “nóis”. Ai foram, e lá “ta” o soldado desses.</p> <p>– Dá licença? “Nóis” queria falar com o senhor rei.</p> <p>– A fim de quê “oceis” “qué” falar com o senhor rei?</p> <p>– O senhor pode informar pra “nóis” onde nasceu o Menino Jesus?</p> <p>– Que menino é esse?</p> <p>– É disso que eu “to” perseguindo, que é o Rei de todas as “geração”.</p> <p>– Eu vou “fala” com o senhor rei se ele pode atender “voceis”.</p> <p>– Como é que eu pergunto?</p> <p>– Quem é esses “homi”?</p> <p>– Não sei de onde é senhor majestade. “Tão” aí. Eles “qué” conversar com o senhor. Se sabe “informá” pra eles quando nasceu.</p> <p>– Nasceu o que?Chama os “homi”, manda eles “entrá”.</p> <p>Entraram pra dentro. Foram só dois. E o rei disse pra eles: – Vão onde “tá” esse menino e volte me “avisá”. Eu também queria “adorá”. E chegando lá fizeram a visita ao menino Jesus. O anjo Gabriel desceu e disse: – Reis “Mago” não retornem no caminho em que viestes, o rei Herodes a procura do menino pra “matá”. Ai não “vortaram”. E os dois “Bastião” que segue a “compania”, foram dois “guarda” que “estava” na ponte do Rio Jordão. Eles “ia”, não “vorta” no mesmo caminho tinha de “atravessa” a ponte do Rio Jordão. O Herodes mandou “acercar” tudo. E eles vieram, ai foi quando surgiu a cantoria. Os “treis” cantando claramente sete “voiz”, passaram e mexeram “co” dois “guarda”. Então quem vai na frente são os dois Bastião que tem na “compania”. Ai que levaram os dois foi pra dispensar os “outro”. Chegando tais reis do Oriente, aí que eles “vortaram” em si e viram que “tavam” em outro país.</p> <p>“Procê” vê?</p> <p>Um milagre.</p> <p>De “Jesus”.</p>

<p>Antonio Francisco Lopes</p>	<p>1. A fé e a riqueza (1º momento de referência à oralidade): Mas além deles foi muito, e eles foram fazendo festa, que eles eram reis pô. Eles foram levando, tanto que o significado de hoje, a gente pede dividindo que a gente não tem a potência que os magos teve né?</p> <p>2. O diálogo entre Javé e a Virgem (referência ao texto Bíblico): Essa história já tá lá no Velho Testamento, com a profec... Com Jeremias que falava sobre, sobre isso. Sobre o nascimento do Salvador, que dali mesmo Javé já falava que de uma jovem ia nascer o Salvador da nação. Ai a jovem falou: “- Ai Javé, eu não sei falá”. Essa jovem significa a Mãe de Deus né? Ela [descia] pra nação... O salvador da nação né? Daí o eu não sei falá. Deus disse: “- Não diga eu não sei falá, com você eu estou”. Ai Javé tocou na boca daquela jovem e ela foi anunciá. Ai depois nós vimo lá.</p> <p>3. dramatização da fuga do Egito: Foi quando o anjo apareceu e pegou o menino e a Virgem, e fosse para a cidade de Nazaré. Mas que arreaçe seu jumentinho com as ferradura as avessa. Qué dize assim, que não era para Nazaré que eles ia, era para Belém. Era pra dize assim... Como diz o outro. Eles ia pra Belém, mas quando o Herodes chegava eles ia pra Nazaré. Mas eles ia indo pra Belém. Por isso que existe os marungo, os marungo era perseguidor do Salvador. Por isso que tem segredo. Ai os marungo vinha pra matar o Menino Deus, quando encontrou com eles na cidade de Damasco né? Que eles ia pra Belém. Eles se converteram.</p> <p>4. A devoção presente na narrativa (2º momento de referência a oralidade): Um segredo. Nos Monte Sinai, tem o segredo da romã e do monte de rosa. Da três arvinha entendeu? E a mãe de Deus é protetora dele duas veze, branca e preta. A mãe de Deus preta que escondeu o Menino Deus de Herodes. Por isso que bandeira de Reis não se pode voltá. E as romã, caíram... Esparramou. Por isso que a romã tem muito segredo... É remédio [palavra inaudível]. Se o cara soubesse o que é uma romã. Reza uma prece no dia seis, pras bandeira. Pede aquelas graça, aquela benção por Menino Deus, que a romã que cobriu a Nossa Senhora morena. A transformou em duas. Ai, é onde que... Por isso que a tem um significado da cor.</p>
<p>Origem cultural dos elementos simbólicos atribuídos à história</p>	
<p>Francisco Garbosi</p>	<p>O embaixador procura manter sua narrativa dentro da estrutura do texto bíblico; Evita destoar desta narrativa e muitas vezes, recorre ao seu repertório literário (textos folclóricos) para fundamentar a legitimidade de sua fala.</p>
<p>Joaquim André</p>	<p>Recorre a uma narrativa personalizada comum no falar do próprio embaixador para estruturar os elementos significantes de sua história; Percebe-se claramente todo a passagem do capítulo dois do livro de São Mateus, porém a narrativa transcende ao simples narrar a Natividade, pretende estabelecer uma genealogia para a própria tradição de Reis;</p>
<p>Antonio Francisco Lopes</p>	<p>Recorre ao seu conhecimento bíblico estruturando sua narrativa em um diálogo entre o antigo e o novo testamento; Nota-se em sua dramatização um juízo crítico que fundamenta o impasse moral entre a fé e a riqueza, principalmente nas passagens de construção das falas sobre a origem da Folia de Reis; Referências à oralidade na narrativa da fuga do Egito;</p>

Deve-se notar que ambos os embaixadores ao explicarem do que realmente se trata a celebração de Folia de Reis mantem uma centralidade narrativa no texto bíblico, porém, se permitem (exceto o embaixador Francisco Garbosi) criar situações de dinamização da ação narrativa. Ou seja, transformam o ato de contar a história, em uma ação de (re) construção do evento narrado, assumindo para si a condição de (co) autores de um imaginário literário (ZILOCCHI, 1997).

São três perfis narrativos, sendo os de Antonio Francisco e Joaquim André de natureza mais inventiva no tocante narrativo. Em sua fala, o embaixador Antonio Francisco, promove uma construção narrativa que permeia sua prática ritualística, afirmando em sua fala que o peditório nas cantorias das Folias de Reis, é um processo de reforço e de sociabilização entre os participantes do ritual, pois, as prendas arrecadadas são partilhadas por todos na festa de chegada.⁴ Porém, sua ênfase maior recai sobre a figura da Virgem Maria, centrado na anunciação e na fuga para o Egito, ele promove uma narrativa que acaba por justificar a sua relação devocional com a Virgem. Na análise deste trecho em sua fala, selecionado no campo de Dramatização narrativa (quadro acima), nota-se a arbitrariedade da prática da leitura, ou seja, está explícito em seu recorte os interesses do próprio agente sobre o texto, o que possibilita uma liberdade interpretativa, ou adaptativa. Visto que o trecho em que cita a cena da revelação à Virgem ser extraída do livro de Jeremias, no Antigo Testamento (cap. 1, versículo 6-9), porém, a passagem é intitulada de *A Vocaçãõ de Jeremias*, e as revelações apresentadas pelo embaixador em sua narrativa, são as do próprio Jeremias. Possivelmente esta “deformação” do texto possa ter ocorrido a partir de sua origem de contato, a transmissão oral, ou a leitura dirigida, e que tem seu sentido legitimado, por reforçar nas escrituras bíblicas, o sentido sacro da origem da Virgem Maria, como a escolhida por Deus, anunciada pelos profetas, reforçando e legitimando sua devoção.

Em sua narrativa, encontram-se os personagens que ao mesmo tempo em que antagonizam com os santos representados, também reafirmam a sua identidade de santos, como no trecho da conversão dos *marungos* (aqui representam os soldados de Herodes enviados para perseguirem e matarem Jesus). Neste sentido, como afirma Menezes (2004), as narrativas sobre os santos de devoção se estruturam sobre três bases que os define

⁴ Ou festa da partilha, é a festa dedicada aos Santos Reis (nas Companhias de Reis pesquisadas, praticada apenas pela Companhia de Reis Santa Luzia). Esta festa marca o fim da jornada da bandeira e é realizada no dia seis de janeiro ou no sábado ou domingo mais próximos do dia seis. Esta festa retribui a todos os participantes do ritual ao longo da jornada, as prendas doadas. Nesta festa a bebida e a comida não pode ser cobrada, os recursos para sua compra são obtidos ao longo da jornada. O dinheiro arrecadado é destinado a manutenção da Companhia ao longo da jornada e a compra de produtos para a festa do arremate. Os alimentos doados pelos participantes do ritual também são utilizados para o preparo da alimentação a ser servida aos participantes.

como tais: intercessor, milagreiro e exemplo de vida. Esta perspectiva é também reiterada na fala do embaixador Joaquim André ao narrar a saga dos Magos rumo a Belém. Sua narrativa pautada em uma ação dialógica entre os personagens, intenta humanizá-los, tornando significativa e concreta a sua noção da sacralidade do evento. Tal como os demais embaixadores abordados, os personagens que compõem o universo simbólico da Folia de Reis praticada pelo embaixador Joaquim André, reconhece em suas falas, assim como nos versos de suas cantorias, que o sagrado está na visitação ao Menino Deus, porém, estes Reis são santificados no imaginário destes agentes, primeiro por terem sido “eleitos por Deus” para serem guiados por sua estrela, e segundo por terem sido “agraciados de poderes pelo próprio Deus”, para retornarem as suas terras de origem e anunciarem ao mundo o nascimento de Jesus.

A narrativa textual dentro da narrativa oralizada tende a teatralização dos personagens e são incorporadas em seus papéis e tendem a representar dentro de uma lógica moral do próprio embaixador e não mais na narrativa bíblica inicial. De um embaixador para outro, as narrativas sofrem pouca variação, mantendo-se centradas no capítulo dois do Evangelho de São Mateus. Estes embaixadores dão vida aos personagens, enriquecendo-os com diálogos, e características psicológicas que os humaniza, o que coloca estes agentes não como (re) produtores dos textos bíblicos, mas como testemunhas deste *tempo sagrado*, autores dos significados contidos nas narrativas, intérpretes dos mistérios de sua própria fé.

○ SIMBOLISMO DO PERSONAGEM BASTIÃO NAS COMPANHIAS DE REIS

Os Bastiões são personagens que compõem a narrativa do Natalício Cristão, representando nas concepções dos universos religiosos de ambos embaixadores, o símbolo da conversão e da aurora do Cristianismo. Em uma concepção prática, estes personagens, nas Foliás de Reis, vestem fantasias coloridas e máscaras, diferenciando-se dos demais foliões. Versando rimas engraçadas, estes personagens fazem a abordagem das residências, pedindo aos “*patrão*”,⁵ a autorização para a entrada da Bandeira de Reis e da cantoria. Encenando batalhas pelas ruas, estes personagens que aparecem em ambas as Companhias, dão o efeito lúdico da Folia.

Em seu estudo sobre as Foliás de Reis da cidade de Cunha no Estado de São Paulo, Araújo (1964, p. 129), aponta a presença de palhaços nestas, variando sua função dentro da Companhia, quanto seu simbolismo acerca do caráter sagrado do peditório. De acordo com o autor, este personagem

⁵ Patrão é uma forma de tratamento usada pelos foliões para se referirem ao dono da casa que os recebe.

das Folias sofre uma constante variação dentro de suas configurações regionais, “(...) nas capixabas eles representam o satanás, daí trajarem-se de vermelho, chapéu cônico, mascarados e o inseparável relho. Não entram nas casas e locais onde há imagem de santos, presépios e cruzeiros”. Enquanto que nas Folias mineiras, estes palhaços, são representantes de Herodes, espíões que seguiram os Reis Magos, e converteram-se ao cristianismo, assumindo dentro da Companhia, a função de guardiões da bandeira.

Acerca da presença destes personagens nas Companhias de Reis, Castro e Couto (1961), afirmam em suas observações que a composição destes nas Companhias encontra sua normalidade na presença de pelo menos três palhaços, divididos dentro de uma hierarquia de pares. Neste estudo, esta observação também foi feita por um ex-Bastião da Companhia de Reis do finado Antonio Moreira, quando este afirmava que na sua época de folião, saíam três palhaços, ele e dois jovens palhaços, divididos em uma hierarquia que levava em conta o tempo de folia de cada um.

Sobre a presença dos Bastiões nas Companhias de Reis, Castro e Couto (1961) afirmam em seu levantamento junto a embaixadores fluminenses, que uma Folia de Reis não poderia sair sem a presença deste personagem, tendo em vista o seu significado simbólico para o rito (a conversão) e sua funcionalidade (proteção da bandeira).

A complexidade deste personagem também se evidencia na arrecadação das prendas, pois diferentemente das prendas recolhidas pela Companhia em sua jornada de cantorias nas residências, as prendas do Bastião pertencem somente a ele, não sendo permitido nenhum dos foliões receberem o dinheiro destinado ao mesmo.⁶ A estes são repassados dinheiro ou prendas graças a seus versos ou danças. Ao longo da jornada das duas bandeiras que acompanhamos, não presenciamos versos, mas sim, uma dança, denominada de “corte da jaca”, que geralmente a pedido do dono da casa, o Bastião é obrigado a dançar.⁷

⁶ Em suas pesquisas acerca das Folias de Reis fluminenses, Castro e Couto, apontam que entre os grupos de foliões, o dinheiro destinado aos palhaços não podia sequer ser pego por qualquer dos foliões presentes, pois, afirmam as autoras, sendo estes a representação dúbida da Folia, o dinheiro também não era de boa natureza. Os foliões que acompanhamos, não especificaram o porquê deste divisionismo entre o dinheiro da bandeira e o dinheiro do bastião. Apenas fizeram menção que para este receber o seu dinheiro teria que dançar e recitar quando solicitado. In: CASTRO, Zaidé Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. **Folia de Reis: Coleção Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Editora Itambé, 1961.

⁷ O “corte da jaca” é uma dança de improviso no qual o Bastião é desafiado a dançar sobre a sua própria espada. Na presença de dois Bastiões a dança se inicia com uma luta, quando um só, esta se realiza através de gestos matreiros, com pequenos saltos, sempre procurando estar próximo e envolvendo a espada. Os gestos da dança têm como ritmo o compasso acelerado das violas, o que dá o grau de dificuldade dos movimentos do Bastião sobre a espada, pois seus pés se cruzam de um lado a outro do objeto. Concluída a dança, o Bastião é premiado pelo dono da casa por uma prenda, seja ela em dinheiro, bebida ou alimento.

Nas Companhias de Reis estudadas, a figura dos Bastiões se estrutura em três percepções simbólicas do palhaço nestas Companhias de Reis: os guardas de Herodes, para o embaixador Joaquim André; o lado bom e mau do ser humano para o embaixador Antonio Francisco; e Dom Sebastião para o embaixador Francisco Garbosi; enquanto que em relação a sua função nas Companhias, este aparece como o guarda da bandeira, que deve andar ao seu lado o tempo todo. O Bastião vai à frente das Companhias fazendo brincadeiras pelas ruas. A ele são atribuídas várias funções – como guardar a bandeira na jornada, e louvar o presépio; assim como muitas restrições – como retirar a máscara diante de presépios e altares, não cantar junto aos demais durante a execução do rito, permitido somente algumas pequenas interjeições entre os versos cantados. Ao adentrar as residências, durante a execução das cantorias, o Bastião fica em silêncio, enquanto o grupo de músicos instrumentistas da Companhia executam o ritual.

Quanto a sua origem, ou genealogia nesta tradição, como visto no quadro I, o personagem Bastião aparece nas narrativas a partir do evento associado à passagem da Fuga do Egito (no Evangelho de São Mateus), são soldados de Herodes como afirmam os embaixadores Joaquim André e Antonio Francisco. Mas encontramos alguns padrões de diferenciação simbólica entorno deste personagem quando colocadas as três genealogias em um quadro de análise:

QUADRO II – Joaquim André Antonio Francisco Francisco Garbosi

Origem/ narrativa	
Joaquim André	<p>Aí o Herodes “esperô”, “esperô”, e eles não voltaram, mandou os soldados dele “cerca” o país. Pra “pegá” os “treis”, mais eles “tinha” poder. Aí que surgiu a cantoria, os “treis” cantando dava o lamento de sete vezes. Passaram na ponte do Rio Jordão onde “tava” os dois guarda “cercano” o fechamento. Com a “voiz” eles “adormeceu” os dois e pegaram os dois e puseram na frente, acompanharam eles e foram embora até “chegá” no país deles no Oriente. “Chegou” lá, aí dispensaram os dois. Aí que os dois voltaram em si e viram que não estavam no país deles. [risos]</p> <p>E aí então onde a “semeiança” dos “Bastião” que “veste” a farda com a “semeiança” com os dois guarda que “estava” na ponte do Rio Jordão cercando os Reis “Mago”.</p>
Antonio Francisco	<p>Muita gente parou eu e pergunto assim: “- Pra que, qual o significado daquela máscara?”</p> <p>Eu falei assim ó: “- Essa máscara nós tudo carrega, entendeu? Além do cara falá assim ó: “- Aquela máscara representa os dois lado da vida, a gente tem um lado do bem e um lado do mal. Porque aquela pessoa que usa aquela máscara, ela faz dois papel, ele foi mandado pelo rei dos judeus pra mata o salvador. Só que lá no Monte Sinai, quando a estrela apareceu, eles se converteram, né? Ai vortaram. Por isso que bandeira de Reis não se pode vortá. Vortaram fazendo mongura e falando pro Herodes que o rei... Que o rei... Que São José e Nossa Senhora tinha extraviado, tinha ido para a cidade de Damasco.</p> <p>No sermão lá da montanha, quando Herodes queria mesmo perseguir com os soldados dos romanos, foi à hora assim do segredo de Companhia de Reis, por isso que não se pode voltar.</p> <p>(...)</p> <p>No Novo Testamento, fala do nascimento. E do Oriente surgiu àquela estrela né? E fala isso... E antes teve um anjo que anunciou. Que ia nascer um Salvador... Lá no... Na Judéia. Teve a morte. Muito importante muito tradicional né? Teve criança. Menino homem de dois ano abaixo, não ficou um vivo. Foi tudo morto pela espada. Foi quando o anjo apareceu e pegou o menino e a Virgem, e fosse para a cidade de Nazaré. Mas que arreeça seu jumentinho com as ferradura as avessa. Qué diz assim, que não era para Nazaré que eles ia, era para Belém. Era pra dize assim... Como diz o outro. Eles ia pra Belém, mas quando o Herodes chegava eles ia pra Nazaré. Mas eles ia indo pra Belém. Por isso que existe os marungo, os marungo era perseguidor do Salvador. Por isso que tem segredo. Ai, os marungo vinha pra matar o Menino Deus, quando encontrou com eles na cidade de Damasco né? Que eles ia pra Belém. Eles se converteram.</p> <p>Ai como o rei estava invertido, ele tava indo pra Nazaré, mas eles estava indo pra Belém.</p> <p>Ai eles voltou, ai eles foram pra Nazaré, daí quando encontrou o Salvador voltando de lá né? Quando... Até pra lá... ai aconteceu o maior milagre, eles ficaram convertido. Eles brincava. Um segredo. (...) Na ocasião mesmo da gente ta encontrando com essa gente ai, por que o significado de ter aquela máscara? Eu falei que esta máscara todo nós carrega. Por que onde que tá o reino de Deus? Tá dentro de seu coração. Onde tá o reino de Satanás? Ta dentro do coração humano. Porque que nós temo dois pensamento né? Por que será que uma pessoa as veze tá assim ó? Que nem na invasão que teve aqui no Maria Cecília que sai aqui no rio. Eu vi uma tragédia que eu não gostaria de ver. O homem se enforcou de frente da muler. É mole?</p> <p>Obra do Satanás.</p>
Francisco Garbosi	<p>A fantasia? Não. A fantasia não. É que existe pessoas que pregam que aqueles Bastião eram guardas de Herodes. Os “Bastião”.</p> <p>Mas na realidade, eles vêm de Dom Sebastião que foi rei de Portugal. Que reinou de mil quinhentos e sessenta e oito (1568) a mil quinhentos e setenta e oito (1578). E quando desapareceu misteriosamente na Batalha de Alcacer-Quibir na África.</p>
	<p>Felipe II que era rei da Espanha. Porque ele deixou, morreu com vinte e quatro anos, não tinha herdeiros.</p>

	<p>Felipe II que era rei da Espanha. Porque ele deixou, morreu com vinte e quatro anos, não tinha herdeiros. Felipe II, rei da Espanha, muito destro nas armas, aproveitou a oportunidade e invadiu Portugal. Tomou Portugal. Aí surgiu a crença no Sebastianismo. O povo falava que Dom Sebastião não havia morrido, ele teria se refugiado num país distante, donde viria à frente de um poderoso exército, para vingar os espanhóis e subjugar-los com o resto do mundo sob o seu comando. (...) É aí que no Brasil se inseriu o personagem Bastião na Folia de Reis e no auto do Bumba-meu-boi, que tem também o “Bastião”. Bastião vem de Dom Sebastião, que era rei de Portugal e consequentemente nosso rei. Que nós era colônia de Portugal. Essa lenda vai passando. Um fala que era guarda de Herodes, outros fala que é capitão. Coronel. Até hoje não se sabe de onde vem. Mas na realidade ele vem de Dom Sebastião.</p>
Função na Folia	
Joaquim André	Na narrativa do embaixador a função de protetores da bandeira é enfatizada, assim como a noção de conversão do mal pela cantoria; o jogo de enganar;
Antonio Francisco	Em sua narrativa se remete a natureza humana, em sua condição dúbia (boa e má); Retoma também a força da conversão, mas não pela magia do cântico, e sim por revelação divina; Não faz menção a função do personagem;
Francisco Garbosi	Nega a fala dos dois primeiros, apesar de ter consciência da narrativa presente na fala dos dois embaixadores, ele se reporta ao Sebastianismo e a lenda do Mascarado para compor a sua genealogia do personagem.
Origem cultural dos elementos simbólicos atribuídos à história	
Joaquim André	Reproduz em sua fala a tradição oral, visto comparação ao material coletado por outros pesquisadores e confrontados com a sua narrativa;
Antonio Francisco	Reproduz em sua fala a tradição oral, visto comparação ao material coletado por outros pesquisadores e confrontados com a sua narrativa; Acrescenta em sua narrativa elementos que são próprios de seu universo moral, sua narrativa encontra trechos repetidos em relação a apresentada no quadro I, todavia, compete salientar que o discurso de Antonio Francisco é circular, e muitos trechos de sua fala se repetem em períodos distintos das entrevistas;
Francisco Garbosi	Remete-se ao seu conhecimento do folclore nacional; Nega o conhecimento vulgar, comum nas narrativas dos demais embaixadores, assim como dentro da tradição, como levantado por outros estudos;

Nas representações do embaixador Joaquim André, acerca deste personagem da Folia de Reis, observa-se certa linearidade com a tradição da Folia de Reis mineira descrita por Araújo (1964), em sua genealogia dos personagens no rito, estes, representam os dois guardas de Herodes que cercavam a ponte do Rio Jordão, que foram convertidos pelos Três Reis Santos através de sua cantoria.

Ao inserir os personagens na estrutura simbólica do rito, o embaixador, compõe novos elementos ao versículo doze do capítulo dois do Evangelho de Mateus,⁸ ao acrescentar neste o trajeto do retorno, que em sua simbologia dará origem ao conjunto de representações da Folia de Reis. A estruturação de um universo simbólico acrescentado pelo próprio embaixador ao texto bíblico, revela em sua prática o diálogo entre dois sistemas simbólicos que estruturam o discurso religioso do agente: o popular – tradição herdada por este de seus familiares, fruto de uma prática do catolicismo como experiência de vida, tendo o seu simbolismo atrelado a interpretações destes sobre os textos bíblicos; e o erudito – fonte de inspiração desta genealogia narrada pelo embaixador, tendo em vista as muitas referências a este texto apontadas ao longo das entrevistas.

De acordo com Brandão (1977) e Mendes (2007), ocorre entre os praticantes dos festejos dos Três Reis, uma santificação dos magos visitantes do Evangelho de Mateus. Afirma Brandão, “(...) se diz por quase todo o país que ‘Santos Reis é um santo muito poderoso’. Como uma pessoa os três magos são venerados, tidos como facilmente milagrosos e, portanto, como santos de devoção” (BRANDÃO, 1985, p. 142).

Em meio à narrativa do Evangelho de Mateus, e a prática popular, os Bastiões⁹ (ou palhaços), ganham vida no imaginário destes embaixadores, como pagãos convertidos, incumbidos de proteger a bandeira,¹⁰ carregando consigo uma espada que representa este estatuto de guardião da bandeira, como aponta o Bastião Barnabé da Companhia de Reis Santa Luzia.

Se o Bastião perde a espada, ou se alguém conseguir esconder ela debaixo de um fogão, a bandeira fica presa na casa. E daí meu filho... O Bastião tem que suar muito nos versos pra convencê o dono da casa pra devolver. Então por isso o Bastião tem que está sempre atento, por que sempre tem alguém querendo travá a bandeira. (...) O Bastião é o guardião da bandeira, e anda a frente para protegê-la.

Personagens que comportam em si a simbologia da conversão, que vão de algozes a protetores da bandeira, os Bastiões se caracterizam nas Companhias por suas máscaras, que segundo os embaixadores escondem as suas verdadeiras identidades.

⁸ Nos Evangelhos de Mateus, após visitarem o Menino Deus, estes foram, em sua narrativa, avisados por um anjo para evitarem Herodes como: “(...) Avisados em sonho para não voltarem até Herodes, regressaram a sua terra por outro caminho”. Evangelho Segundo S. Mateus. In: **Bíblia Sagrada**. Aparecida - SP, Editora Santuário, 1985. p. 1436. (Reprodução da Bíblia Sagrada publicada pela DIFUSORA BÍBLICA dos Missionários Capuchinhos de Portugal – 8ª. edição, 1978)

⁹ Denominação utilizada para definir o palhaço que segue a Companhia de Reis, de acordo com Araújo, este também é conhecido em outras regiões do país por Mocorongo, Morongo ou marongo. (ARAÚJO, 1964, p.129).

¹⁰ Estandarte das Companhias de Reis que vai à sua frente tendo em seu corpo representada a cena da visitação do Três Reis Magos, assim como a Sagrada Família. Encontra-se em muitas bandeiras de Reis ex-votos, fotos, flores e fitas de pessoas curadas pelos milagres dos Santos Reis, assim como de pedidos.

Na estrutura narrativa do embaixador Antonio Francisco, a genealogia do Bastião está associada à perseguição realizada por Herodes contra Jesus, segundo o Evangelho de Mateus, onde em aparição em sonho, o anjo de Deus, mandou que José fugisse para o Egito (assim como para os Três Reis Magos). Esta leitura realizada pelo embaixador do texto de São Mateus, dá em sua representação do rito, um sentido simbólico na estruturação da jornada, tendo em vista que este visualiza a jornada da bandeira¹¹ como uma fuga da “Sagrada Família” da perseguição de Herodes.

Neste sentido, a máscara assume o duplo papel dos Bastiões nas narrativas do festejo de Reis, de acordo com o embaixador Antonio Francisco, estes escondem nestas máscaras os mistérios do Cristianismo, tendo em vista, que passam de algozes para protetores graças à conversão ocorrida em um espaço sacralizado em sua leitura (o Monte Sinai),¹² e a um elemento que se apresenta como manifestação do divino (a estrela).

Dentro desta prática interpretativa da cultura religiosa escrita, temos na fala do embaixador dois elementos que procuram se legitimar na fala deste: a estrela e o Monte Sinai. Através da menção destes elementos temos um entrecruzamento do habitus religioso do embaixador, participante ativo de círculos de estudos bíblicos, ex-carismático e católico praticante das liturgias dominicais, a sua narrativa da genealogia de Cristo, procura se fundamentar em elementos palpáveis da cultura bíblica, legitimando a sua prática religiosa e a sua devoção diante do espaço que o envolve. De acordo com a Bíblia Capuchinha, na fenomenologia religiosa, a montanha é o lugar privilegiado da presença divina, ou seja, é espaço de contato dos homens com Deus. Neste sentido, os guardas só poderiam ser convertidos em sua narrativa, neste espaço consagrado. E a estrela representa a luz, sinal de vida nos escritos bíblicos, e reproduzidos nos versos dos embaixadores tendo em vista que esta é em si, um símbolo da natureza divina em contato com os homens.

Em trabalho realizado acerca das Folias de Reis no Estado do Guanabara, Castro e Couto (1961), constataram em sua pesquisa que havia nos núcleos de foliões certa unanimidade acerca da origem dos palhaços (ou Bastiões). De acordo com as autoras, estes personagens das Folias de Reis, tinham sua origem nos soldados de Herodes, perseguidores do Menino Jesus, porém, esta definição, apresentava variações, que aproximavam a representabilidade do personagem as figuras de Herodes e satanás (na definição do palhaço no ritual capixaba). Esta perspectiva dialoga com a

¹¹ Percurso da bandeira entre as residências que a recebem nos bairros, é expressão utilizada pelos foliões para definir o deslocamento diário ou total da bandeira ao longo do período de jornada.

¹² Observações bíblicas extraídas de: Índice bíblico pastoral. In: **Bíblia Sagrada**. Aparecida - SP, Editora Santuário, 1985. p. 1851-1906. (Reprodução da Bíblia Sagrada publicada pela DIFUSORA BÍBLICA dos Missionários Capuchinhos de Portugal – 8ª. edição, 1978)

dualidade do palhaço na representação que o embaixador Antonio Francisco tem do mesmo, tendo em vista que estes palhaços aparecem como soldados que perseguiram o Menino Jesus, evidencia para este embaixador a natureza humana, pois segundo o mesmo as obras de Deus e de satanás estão dentro do próprio homem.

Concluindo esta estruturação simbólica da figura do Bastião nas Companhias de Reis dos embaixadores entrevistados, o embaixador Francisco Garbosi apresenta uma interpretação que destoa dos demais embaixadores. Em sua construção narrativa do personagem Bastião na Folia de Reis, o embaixador recorre ao sebastianismo¹³ para compor sua genealogia. Pautando-se na lenda do *encoberto*,¹⁴ e de reis que preenche o imaginário popular em sua literatura e em alguns folguedos como o Bumba meu boi. A presença de personagens extravagantemente vestidos em ambas as festas, podem ser as referências análogas que o embaixador Francisco Garbosi procura estabelecer para a fundamentação de sua representação do personagem Bastião nas Foliadas de Reis, tendo em vista a natureza autodidata do embaixador Francisco Garbosi, pode-se deduzir que a estruturação deste personagem, tem ampla colaboração da leitura que este fez de diversos autores, no intuito de criar uma genealogia própria de seus personagens.

O embaixador dos três agentes entrevistados é o que tem maior trânsito entre o universo literário e o popular. Poeta, escritor e músico, o embaixador Francisco Garbosi em sua falas tende a transmitir uma necessidade de estruturação e centralização dos conhecimentos sobre a tradição das Foliadas de Reis. O embaixador afirma em seu livro “Histórias, Mensagens e Embaixadas de Foliadas de Reis” que “(...) No Brasil, inseriu o personagem bastião nas foliadas de reis e no auto de bumba meu boi, em sua homenagem [D. Sebastião]. Portanto, D. Sebastião é o rei que não morre, todos os anos ele reaparece personificado no bastião da folia de reis, lutando de espada e pregando a esperança de um reino promissor. O uso da máscara é para manter a sua identidade de o encoberto” (GARBOSI, 2002, p. 55). Através desta figura, o embaixador insere na estrutura simbólica de sua Companhia, elementos que figuram em outras tradições das festas populares brasileira, e é através do Bastião, que o rei desaparecido de Portugal passa a ser

¹³ Em um artigo sobre o hibridismo religioso acerca da tradição dos estudos antropológicos na literatura brasileira, Galvão, ao se referir ao Sebastianismo, o define como sendo uma manifestação messiânica portuguesa que emigrou para o Brasil, que se pauta na lenda do rei português Dom Sebastião, que em 1578, morreu na batalha de Alcacer-Quibir, no norte da África, seguido pela perda da autonomia da coroa portuguesa sob o jugo da Espanha por 40 anos. Esta catástrofe deu origem à lenda de D. Sebastião, cujo cadáver nunca foi encontrado, sobrevivera para um dia reaparecer, reivindicando o trono e restaurando a grandeza da nação. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. Hibridismo religioso na literatura brasileira. *Revista Imaginário*, São Paulo, v. 12. n. 12. p-126-142, 2006.

¹⁴ Também conhecido dentro do imaginário popular como o *Desejado* e o *Encantado*, como afirma Pereira Coruja (1881) em seu *As alcunhas de Porto Alegre e outras alcunhas*. In: CASCUDO, Luis da Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro* [vol.1]. São Paulo, global Editora, 2003, p. 189.

incorporado na rotina ritual de sua folia, convertendo-se em um personagem que enquanto a função dentro da tradição se mantém fiel as colocações dos demais, a de conduzir e proteger a bandeira ao longo de toda a jornada até o seu ponto de chegada.

Nesta (re) construção entre os textos bíblicos e a apropriação dos elementos simbólicos destes por parte dos embaixadores, que irão dar origem a uma nova narrativa do sagrado, tem-se na produção do sentido do sagrado por parte destes agentes, uma leitura que se fundamenta em seu próprio universo cultural. O que possibilita um reagrupamento dos elementos simbólicos da cultura bíblica cristã, em novos signos e símbolos que se estruturam de forma heterogênea dentro das tradições católicas populares. Evidenciou-se nestas linhas que a leitura bíblica não se dá nestes indivíduos de forma passiva e reprodutora, o sagrado aqui é instituído dentro de uma rede de significados relacionados a um modo de utilização dos elementos narrativos, dentro de um sistema muito próprio destes embaixadores de interpretar e vivenciarem tanto a tradição religiosa transmitida por seus núcleos familiares, quanto à tradição religiosa transmitida pela instituição Igreja. Promovendo uma dinamicidade, que possibilita a visualização destes dentro de seus respectivos papéis sociais e religiosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto, procurou-se construir a figura do Bastião a partir de uma lógica estruturadora que tem no universo religioso dos próprios agentes a sua origem. Personagem de grande importância simbólica nas Companhias de Reis, o Bastião representa no rito, o riso, a alegria popular escondida em máscaras, ao troçar de porta em porta a entrada da Bandeira, assim como o assustar as crianças nas ruas e no seu dançar. Ao mesmo tempo este personagem assume o papel de reforçar na jornada o advento do Cristianismo e o poder de conversão deste. O Bastião é nas Companhias de Reis um personagem temido e querido, que revela o lado humano da religiosidade popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional: Festas, Bailados, Mitos e Lendas*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964. 1 v.
- BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social. *Enciclopédia EINAUDI*. Lisboa/Portugal: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985. 5 v.
- BÍBLIA SAGRADA. 8 ed. Portugal: DIFUSORA BÍBLICA dos Missionários Capuchinhos de Portugal, 1978.
- BORGES, Célia Maia. *Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Folia de Reis de Mossâmedes*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / FUNARTE, 1977. Cadernos de Folclore n. 20.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global Editora, 2003, p. 189. 1 v.
- CASTRO, Zaïde Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. *Folia de Reis: Coleção Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Itambé, 1961.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, São Paulo, jan./abr. 1991.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galharda. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Hibridismo religioso na literatura brasileira. *Revista Imaginário*, São Paulo, v. 12, n. 12, p.126-142, 2006.
- GARBOSI, Francisco. *História, Mensagens e Embaixadas de Folia de Reis: quem eram os magos?* Londrina: Maxprint, 2002.
- MENDES, Luciana Aparecida de Souza. *As Folias de Reis de Três Lagoas: a circularidade cultural na religiosidade popular*. 2007. Dissertação (Mestrado em História), UFGD, Dourados – MS.
- MENEZES, Renata de Castro. *A Dinâmica do Sagrado: Rituais, Sociabilidade e Santidade num Convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumaré: Núcleo de Antropologia Política/ UFRJ, 2004.
- TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular dos Índios, Negros e mestiços*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- ZILOCCHI, Ana Maria Domingues. *Do seu olho sou o olhar: Por uma Semiótica da Recepção* (C. S. Peirce). 1997. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.